

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO
Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXVI Volume

Redacção e Administração
T. do Convento de Jesus, 4—Lisboa

10 de Novembro de 1913

Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 77—Lisboa

N.º 1255



AMOR DE MÃE — DESENHO A PASTEL POR D. EMILIA SANTOS BRAGA
(Gliché Alberto Lima)

CRONICA OCCIDENTAL

Mau tempo?... Sabemos lá! Assim como assim, as opiniões divergem. Agua-ceiros, trovoadas, tumultos, lama, politica — eis tudo.

Imperturbavel observador e cronista consciencioso — abstraimos do nosso proprio mal para abrangermos, de alto e integralmente, num relance-de-vista, a realidade.

E se ha gente que se refestela com entusiasmo na lama e se ha gente que pesca mui proveitosamente nas aguas turvas, como decidir, de forma categorica e indiscutivel, que o tempo vai bom, que o tempo decorre mal? Vejamos. Politica? Com efeito — sobre politica muito haveria para discretar com exito, ou, ainda que mais não fosse, num paiz em que todos se sentem aptos a dirigir o leme governamental, algo haveria a exarar para esclarecimento das porvindoiras eras.

Quanto a nós — será necessario que o declaremos? — ao contrario de muita gente boa, nunca sentimos *héquin* por essa marafona impudica e esguedelhada. Entanto, por vezes, para esparecimento dos nossos leitores, não deixaremos de registrar certas das suas mais desopiladas chalaças. Em verdade, devemos confessal-o, ha dias, numa pastelaria conhecida, entre dois gólos saboreados de chá, sentimos ganas de expôr, para gaudio de amigos discretos, o plano das nossas mais ponderadas e seguras opiniões ácerca das economias domesticas e finanças do Estado. Mas antes de começarmos o consideravel discurso, tivemos, por felicidade, o cuidado de relançar um olhar de circumspecção, e surpreendemos, então, erguidas, para as nossas mais secretas palavras, orelhas enormes, tensas e rigiditas, tanto e tanto que perfuravam visivelmente o barrête de Mídas com que se cobriam ás socâncras.

Observado o facto, reatámos conversação sobre o cultivo das beterrabas e má especie e carestia das bananas que se vendem na Vegetariana...

E foi assim que resolvemos, no momento, nunca mais falar a serio, nem de politica, nem sobre politica. O tempo vai bom? O tempo decorre mal?... Sabemos lá! Assim como assim, as opiniões divergem...

O inverno vem perto. Presente-se, ao longe, o seu chapinhar monótono e lento. A sua guarda-avançada já chegou. Clangoram as trombêtas humidas.

Abriam-se as cataratas do ceu — e as chuvas irromperam, ás golfadas, temerosas e lugubres, inundando as varzeas e o Terreiro do Paço, e entristecendo lavradores e os frequentadores impertinentes da Arcada. E nisto — digamol-o sempre — foi Deus menos justo, porque, curando das suas cataratas, não curou as cataratas dos olhos portuguezinhos que, de resto, mesmo assim, choram desalmadamente sobre o *superavit* anunciado pelo sr. Afonso Costa. De lés a lés, aguas-novas e novas politicas vão transformando num pantano este lindo paiz do Occidente.

As bôcas que, ha mêses, clamavam fervorosamente, para bem de vinhêdos e finanças, uma *ad petendam pluviam* e receitas economicas, já hoje deploram com lastima a chuva e os saldos positivos, que apodrecem por superabundancia as eco-

nomias publicas e as plantações das couves.

Entre gente desta laia, vá lá um homem honrado a tomar partido!...

Por isso e outras razões plausiveis e convincentes, nós assentámos, de vez, na resolução de ser imperturbavel e imparcial. Deste modo, poupar-nos-emos a uma condição equívoca e insustentavel, qual seja a de chorar e rir ao mesmo tempo, lagrimejar de alegria por um ôlho e lagrimejar de magoa por outro, fazer esgar de mimo no labio superior e no inferior tregeito de aflição, realisar um gesto tragico á Zaccanni com um braço e com o antebraço um gesto de galhofa á Zé-Povo de Bordo. Por felicidade, já nos furtámos á veileidade de agradar aos deuses e a todas as mulheres.

A' força de nos emocionarmos com os contentamentos e descontentamentos de todos, acabaremos por ficar indifferente aos nossos proprios pezares e prazeres. Excepção feita ás senhoras — que, dentre elas, perante alguma, sentiremos esse contentamento descontente de que nos fala Camões num soneto feito impecavelmente sobre pecados de amor.

O inverno vem perto. Presente-se ao longe, o seu chapinhar monótono e lento.

A sua guarda-avançada já chegou.

Clangoram as trombêtas humidas. As aguas vão, em levadas, por córregos e despenhadeiros.

De todos os logares e logarejos do paiz, as vozes erguem-se contra as demasias das chuvas. As aguas invadem, em enxurradas, os campos, as novidades estragam se, e a azeitona, mal encaroçada, cae.

Da linda Cascaes, as noticias que nos comunicam são de assombro e tristeza. O mar brame e arremessa-se de rojo contra a rocha. A Bôca-do-Inferno vomita anátemas e maldições. Não ha movimento de embarcações na barra.

Em Setubal, bem perto de nós, o temporal alteou pavorosamente o rio e afundou barcos e buques. A ventania desarraigou arvores, prejudicou sementeiras e colheitas do milho.

Mas os aguaceiros começam de parar, e em breve, sol criador ha de raiar em benção e carinho sobre a terra portugueza. O veranito de S. Martinho acalentar-nos-ha por dias duma suavidade infinita — a preparar as despedidas saudosíssimas do Outono.

As carrancas do tempo conseguiram atemorizar os homens e as coisas — e, sobretudo, os retardatarios das praias, que regressaram, prestes, a penates. Os botequins e as cursaças de Havana começam a regorgitar e a suar, nauseabundamente, de vadios e pandilhas de alta goma e baixo estôfo. A lama das avenidas espelha condignamente as polainas brancas dos janotas. Em breve, haverá espectáculo, por sessões, na barraca monumental de S. Bento. O espectáculo será comodo e barato e cada bilhete-de-entrada habilitará para as diversas sessões do dia.

Por certo, nem todos, nem sempre os melhores actores serão impecaveis, mas,

sem duvida, o respeitavel publico tomará em consideração que por 3\$330 réis diarios nunca e em parte nenhuma se exigiu desarrazoadamente talento e compostura profissional, se bem que nestas especies de representações scenicas o acto decorre tanto melhor — quanto peor! Valha-nos isso ..

A proposito — não queremos fugir á alegria suma de anunciar aos nossos caros leitores que vae abrir brevemente a nova epoca dos teatros citadinos. Dirigidos com proficiencia por homens-de-acção, que pertencem á sociedade, *onde a gente se aborrece*, só temos a desejar que, assim correspondendo á nova ordem de coisas e expressões insofismaveis da nova constituição, esses teatros curem, como autores profundos pretendem, das nossas mazelas de alma e nol-a disponham para uma vida melhor — maravilha que, para espanto dos deuses, conseguirão realisar, se cuidadosamente quizerem tratar destas neurasteni-santes insomnias exacerbadas pela severa meditação da causa publica e hilaridade nervosa que o espectáculo diurno de S. Bento provoca sempre. Neste caso, será bom que tenham camarins e camarotes com todas as comodidades e outras exigencias da vida-moderna, á disposição do publico respeitavel e pagante...

ANTONIO COBEIRA.



Amor de mãe

Desenho a pastel por D. Emilia Santos Braga

O ultimo pastel da illustre pintora, que hoje reproduzimos, intitula-se *Amor de Mãe*. Foi encomendado por Mrs. Thompson, illustre escritora norte-americana que em fevereiro ultimo nos visitou. Mrs. Thompson veiu á Europa convidada pela Russia, Belgica e Espanha, para escrever impressões destes paes, e delas fazer um amplissima tiragem em *New-York*.

Passando por Lisboa, a caminho de Madrid, de tal modo a encantou o nosso precioso clima e a deslumbrou a nossa paisagem que Mrs. Thompson, dedicando-se ao estudo das nossas artes e belezas, aqui se demorou um mez, em vez de um dia, levando enorme bagagem de apontamentos para publicar um livro sobre Portugal, livro que a talentosa escritora já enviou ao sr. Manoel Roldan, secretario da Propaganda de Portugal, o qual, obsequiosamente a acompanhou pelo nosso país durante a sua estada nele.

O pastel de D. Emilia Santos Braga, *Mothers Love*, destina-se á grande illustração que Mrs. Thompson vae inaugurar agora em *New York*.

Ácerca do talento desta notavel pintora portugueza — algo temos dito.

De resto, é superfluo insistir com palavras elogiosas ao seu reconhecido, incontestado e incontestavel merecimento. O desenho a pastel — *Amor de Mãe* — que gostosamente publicamos em a nossa pagina de honra fala mais alto e mais significativamente que nós — humilimos admiradores.

Hippolyto Raposo

LIVRO DE HORAS — escrito por Hippolyto Raposo sendo escolar de Leis na Universidade — França Amado — Coimbra — MCXXIII

Sae, a publico, por estes dias, um novo Livro de Hippolyto Raposo. Treme-nos a pluma comovidamente nos dedos, ao tentarmos dizer duas palavras de justiça sobre os meritos deste Livro — que é antiga e inalteravelmente grande a amizade que dedicamos ao seu auctôr, e antiga e inalteravelmente grande a admiração que consagramos aos dotes opulentos de intelligencia e sensibilidade que notavelmente o caracteriza no meio insignificante e amorfo da litteratura actual portugueza. Por vezes, temos exarado nesta Revista de Lêtras a expressão fortemente emocionada de simpatia que despertam, em nós, sempre, os altos e incontestaveis talentos de Hippolyto Raposo. E' que nunca deixámos de seguir com affectuosa solicitude o caminho distante, sereno e altivo que leva á sua Torre Eburnea de Arte.

Livro de Horas — corôa superiormente a sua vida de literato e escolar de leis, em Coimbra — *a da triste paisagem* — como diz um poeta, nosso amigo. Livro de evocação — é a transfiguração, em verdade e em sonho, da sua Figura Espiritual.

Livro de evocação — desde o titulo suavemente evocativo ao texto que o justifica — assinala o vôo estremecido duma Alma que emigra, unvida de serenidade religiosa, brandamente, recolhidamente, duma actualidade árida, ao passado duma grata e saudosa memoria.

E' certo — ha no Livro passagens que comentariam ironicamente o momento; mas dir-se-ia que essa ironia ligeira só tende a abrir alas francas para um tempo decorrido e revivido em beatitude. O quadro, em que o Autôr se apraz a recompôr os incidentes anedocticos da vida-escolar, é sempre, pela nuança fugitiva do traço e esmaiado languido das tintas, um longe de evocação e lenda. Fundo remotissimo de tradição gradúa, finamente, sem esforço, espontaneamente, a tonalidade.

E é assim que o livro mais nos encanta e exalta.

Livro de Horas! Livro de evocação!
Horas mortas e resuscitadas...

«E as noites vinham — purissimas luas, escorrendo claridade ou veludo de trevas amolecendo suspiros de sons, voz de sinos em torres de misterio, erguida anciosamente a Deus, cada hora mais subido no crepusculo da sua gloria. Neste prazer de recordar, esvâem-se fogos-fatuos de illusão, o claustro é imenso, escutemos-lhe a paz! A alma da cidade vae morrer.

Miserere...»

«Lagrimas do Tempo caem nas ruinas frias, saudosamente.

Tardes de novena, vozes místicas cantavam hinos que vinham morrer em nuvens erradias, sob os esplendores azues do céu.»

«Dobram nas torres pelo dia morto.

Ave-Maria! Que a graça celeste abençoê este dia de trabalho e resignação! Musicas dos algares, acordai; estrelas, flôres de luz desabrochai para gloria desta noite de festa!»



HIPPOLYTO RAPOSO

«Cairão os idolos falsos, outros idolos nascerão debaixo do seu resplendor, enquanto os rios corrêrem para o mar. Cobrirá-se a terra de altares e agora a terra é triste, porque os altares perderam-se em ruinas e não ha fé para os erguer do pó.»

Livro de evocação — assinala o vôo duma Alma que emigra, unvida de sonho, recolhidamente, duma actualidade arida, ao passado de memoria gratissima e saudosissima...

E' certo — ha no Livro passagens que comentariam ironicamente o momento; mas dir-se-ia que essa ironia ligeira só tende a abrir alas francas para um tempo decorrido e revivido em beatitude. Fundo remoto de tradição gradúa finamente a tonalidade.

A. C.

As nações são como corpos concretos, que não se governam com abstracções.

Penedo da Saudade

«A camara resolveu mandar proceder á abertura da rua n.º 4 do Penedo da Saudade.»

Dos Jornaes

O Penedo da Saudade morreu e aquela noticia é o epitafio para a Memoria.

Laconismo sêco, modesta inscrição que tão bem fica aos que em vida fôram bons.

Os senhores da Câmara barbarisaram o espirito do logar e certos homens de mau coração hão de admira-los e até bendize-los. Havia dois anos já que um negro comboio cuspiu fumo na pureza dos ares, curveteando olivedos e pomares em flôr.

Aos primeiros arquejos da maquina, todo o vale estremeceu em ecos nunca ouvidos — adeus silencio e paz para os que ali amavam a solidão!

Aquele comboio sobre que caíram desesperadas maldições de barqueiros lamintos, era para o Penedo a ameaça de morte que o Progresso lhe mandava em gargalhadas de ferro fundido.

Viria depois a dinamite.

E a dinamite veiu rasgar as entranhas da rocha, mansas oliveiras tombaram na linha geometrica dos côrtes em que se abria o ventre da terra virgem!

O Penedo da Saudade é em breve tempo um bairro burguez, com filas de casas angulosas como caixotes de sabão, em variegadas tintas e modernices, a reclamarem expropriação gratuita a beneficio da Estética e castigo dos senhores donos.

Para isto se espantaram as aves de lindo cantar que os garotos da rua vão perseguir á pedrada para sempre!

Nem refugio de tristes, nem sanatorio para maguas de coração, se pôde ali procurar já-mais.

Rumores de mercearia eu adivinho, desordens em tabernas, barbeiros lambidos, carros de lixo e em nome da Ordem, uma esquadra policial — a Esquadra do Penedo da Saudade!

Amontoam-se-me agora contradições hediondas, gaz, cafés, máquinas, uma onda de progresso que esmagará a doce rusticidade do mais cantado dos *logares santos* de Coimbra.

O Convento das Teresinhas virá transformar-se no Parque ou Hipodrómo de Santa Teresa!

O Penedo da Saudade!

São mil lembranças que se chocam com tantos horrores premeditados.

Aquelas piteiras dos combros — lembram-se? — que ha seculos oferecem á crueldade dos passeantes as folhas cinzentas e ás vezes floriam por acaso, fôram desenraizadas em sacrificio a plantas exóticas que a terra não sabe nutrir...

Só quem por lá passou, bem o sei, e alguma coisa deva ao Penedo, pode-

rá sentir em revolta a crueldade de tal obra.

O Penedo da Saudade que fazia suspiros só de se pronunciar em tempos de nossas avós, era mais Coimbra que a Universidade e a torre, que os capelos e os estudantes, que a historia, que a lenda.

Podia tudo acabar, o pouco que ha dogmaticamente belo — guitarras, cantigas e tricanas — ficasse o Penedo e era bastante.

Ardesse o Paço, sobre a charamela tombasse a torre no horror de a ouvir, nada, nenhuma noticia mais mortificadôra e imprevista.

Pois estes senhores edis engomados, gente dura e inexoravel como um codigo penal, mandaram arrazar as azinhagas musguntas que corriam em torcicolos por entre oliveas, todos os anos murados de fiôres e trepadeiras, a lembrarem recantos gratos á nossa saudade de provincianos.

E — supremo encanto de esta certeza! — aquela terra do Penedo, de tão bondosa paizagem, não tinha dono, nunca alguém lh'o conheceu, era um baldio para meditar...

Duas linhas de jornal fecharam uma historia e abriram outra em que já se pôdem lêr nomes afrontosos: rua do Conselheiro Aniceto Antunes, Chateau-Rodrigues, Vila-Mariette...

Lembro-me de invocar os manes dos poetas romanticos, vingadoramente, denunciar o ultrage á Literatura, pedindo para ela a intervenção dos altos poderes. Em vão!

Toda essa gente perdeu o credito na morte: os senhores ministros que nos governam sabem lá, por exemplo, quem era João de Lemos e a pleiade do Trovador (*Pleiade*, justamente: assim eram chamados em boa letra.)

O remedio é chorar sem esperança.

Poetas guedelhudos que por lá esfarrapastes a alma em rimas loucas, amorosos e folgazões, que tendes atravessado o lustro para colher o pomo de ouro da cartá — entoai todos a Elegia do Penedo!

Venham os pácatos, as almas artistas, os simples animaes ou simples espiritos — todos lhe deverão alguma coisa, o sorriso de uma illusão, uma sombra de desalento!

Pois essa entidade de importancia, por quem se interessava toda a gente, que já entrara na consciencia nacional, como a Batalha e as Glorias da India, foi victima do zelo furioso da administração municipal. Triste fado!

Quando agora, em boticas de provincia, meretissimos juizes, folheando o seu livro de memorias ás informações de estudantes em ferias, perguntarem naturalmente pelo Penedo — como vae o Penedo? — espertos segundaniastas responderão logo:

Que é um bairro vistoso, moderno, cheio de conforto e civilização...

Nem o pobre bacharel-1860 já terá voz para dominar aquele entusiasmo no ultrage á memoria do Penedo da Saudade — saudade dos que vinham, saudade dos que voltavam...

(Do recempublicado Livro de Horas.)

HIPPOLYTO RAPOSO.

O homem de espirito revela-se pelas palavras; o de coração pelos actos. — Brunswick.

PELO MUNDO FÓRA

No nosso forçado interregno deram-se acontecimentos de magna importancia mundial e alguns que mais ou menos directamente interessaram o nosso paiz. Por exemplo, a visita do sr. Poincaré a Madrid, facto desenvolvidamente explanado nesta Revista pelo nosso amavel e intelligente substituto. Como additamento, e unicamente com o fim de archivar materias para a Historia, convem transcrever as bases da entente franco-espanhola, enviadas de Cartagena ao *Daily Telegraph*, pelo seu redactor Leopoldo Romeo.

1.^a Relações amistosas entre a Dynastia e a Republica francesa; isto é, a França compromette-se a não auxiliar os interesses republicanos de Espanha.

2.^a Apoio financeiro á Espanha, de forma que esta possa contrahir um emprestimo importante em boas condições.

3.^a Política commum em Marrocos.

A acção militar de ambas as nações desenvolver se-ha parallelamente, de modo que as operações sejam mais rapidas e mais efficazes.

4.^a Cooperação em relação com a politica mediterranea; o que permittirá á França, caso seja necessario, o encontrar nos portos espanhoes pontos de apoio para a sua esquadra, podendo transportar, sem perigo, para a metropole as suas tropas d'África.

5.^a Reorganisação naval e militar por parte de Espanha, a fim de se encontrar em condições de proteger, no momento preciso, as suas bases navaes: defesa do littoral com baterias, construcção de novas unidades navaes, etc.

6.^a Garantia de neutralidade na região pyrenaica, de modo que a França possa desguarnecer o Meio Dia e enviar todas as suas forças ás fronteiras do Norte e de Este.

7.^a Integridade territorial da Espanha (incluindo as ilhas Canarias e as Baleares) garantida pelas potencias amigas.

8.^a Os interesses politicos, a situação geographica e os antecedentes historicos da Espanha (textual) serão tomados em conta no caso em que acontecimentos possiveis tornassem necessaria a intervenção da Europa em Portugal.

A ameaça directa d'esta base 8.^a não podia deixar de provocar os mais vehementes protestos do nosso paiz. O *Diario Universal* de Madrid, órgão de Jovenir Romanones, affirmou que não havia o minimo fundamento na noticia do citado jornal londrino; mas o sr. Leopoldo Romeo, na *Correspondencia de España*, de 18 de outubro, sustenta a exactidão das suas informações, que, diz este, o tempo se encarregará de confirmar.

A Espanha vem desde ha muito sentindo os effeitos d'uma grande agitação politica, que ameaça o throno, habilmente defendido pelo joven Alfonso XIII. Este intelligente monarcha comprehendeu a necessidade de entrar no campo da politica liberal, attrahindo as sympathias dos republicanos de maior prestigio, taes como os srs. Azcarate, Ramon y Cajal, Melquiades, Alvarez, Perez Galdós, etc.

Resultou d'aqui a fundação do reformismo, partido que tem por principal figura Melquiades Alvarez e que organisou no *Palace Hotel*, em Madrid, um enorme banquete de cerca de dois mil e quinhentos convivas. Ahi, D. Gumercindo de Azcarate, falando com grande entusiasmo do amor do rei á sua patria, repetiu estas palavras que ouviu não ha muito ao monarcha: *Amo tanto a minha nação que, se se proclamasse em Espanha a Republica, eu poria a minha espada ao seu serviço.*

Melquiades Alvarez desenvolveu o programma do partido reformista, declarando que as formas de governo são accidentaes e transitorias, que acima das formas de governo colloca e collocará sempre o progresso da patria, a affirmação da liberdade, o imperio da democracia; se a monarchia não for obstaculo para o triumpho d'estes ideaes, governaremos com ella porque, fazendo-o, temos a convicção de servir acima de tudo o progresso e os interesses supremos da nação.

Se a monarchia se transforma, se é democratica, direi aos meus amigos: descei do Aventino; não é licito falar de uma revolução que as concupiscencias dos homens desacreditaram.

O sr. Melquiades declara-se heterodoxo, mas, como governante, diz que não se pôde perseguir a Egreja catholica associada atravez os seculos á historia da Espanha. O que desejamos é que convivam praticamente no seio da paz social todas as crenças e todos os cultos, para que assim surja a formosa virtude da tolerancia, que é a virtude regeneradora dos povos civilizados.

Estas resumidas ideas mostram o grande espirito de tolerancia que se desprende do largo programma reformista, de rasgado apoio ao glorioso successor de São Fernando.

O ministerio Romanones, que subiu ao poder em novembro de 1912, apoz o assassinato de Canalejas e que soffreu varios contratempos, sobretudo os desastres de Marrocos e suas consequencias na vida interna da nação, teve a fortuna de ratificar o tratado com a França sobre Marrocos, real'sou a viagem do rei a Paris e a consequente vinda de Poincaré a Madrid, mas não pôde evitar a divisão dos liberaes, attribuida a varias causas, principalmente a do projecto das mancomunidades.

A população madrilená discutiu apaixonadamente a retirada dos espadas Bombita e Machaquito, quando, repentinamente lhe sôa aos ouvidos a queda do ministerio Romanones, em consequencia d'um voto de confiança no Senado! E assim era, de facto. Os dissidentes deram o voto aos conservadores, de modo que não houve mais ministerio liberal. Maura era um espectro.

Na memoria dos mais avançados revive o caso Ferrer, de 1909.

Protesta-se, vocifera se, fazem-se tumultos contra Maura, que foge de Madrid. Entretanto, o sr. Eduardo Dato e Iradier, antigo presidente do Senado, constitue gabinete, accentuadamente conservador, cuja existencia não parece que venha a ser longa.

O sr. Antonio Maura declara abandonar temporariamente a politica, e, entretanto, é eleito por unanimidade para a presidencia da Academia Espanhola, vaga pelo fallecimento de D. Alexandre Pidal.

Coincidencia curiosa: Maura cae apoz o fuzilamento de Ferrer. O ministerio Dato

começa pelo fuzilamento do ex-capitão Manuel Sanchez, auctor d'um assassinato em condições horrosas praticado na *Escola Superior de Guerra*, caso de que largamente se occupou toda a imprensa e que, felizmente para a nossa especie, representa um verdadeiro phenomeno nos annaes da criminallogia.

J. A MACEDO D'OLIVEIRA.



Alberto Nunes

Esculptor portuguez

(Continuado do n.º 1254)

Pouco depois, em 1888, o opulento proprietario Barahona encommendou-lhe uma estatua para uma das salas do seu palacio em Evora, e com rara bizzaria e fidalguia deixou ao esculptor pôr o preço da obra, e a escolha do assumpto. Alberto Nunes não acceitou a primeira concessão, alegrou-o e lisongeou-o a cortezia da segunda.

Lia então amiudadamente as obras de Bernardim Ribeiro, e phantasiava vel-o a tanger o bandolim n'algum sarau realengo nos paços manuelinos. Estava encontrado o motivo, e logo se cuidou de pôr por obra. Em 1888, se não erro, estava prompto o gesso da primorosa estatua do apaixonado trovador. Talhada depois em magnifico marmore de Carrara, o material acrescentou a belleza do conjuncto. Sobre um tamborete razo está sentado Bernardim. A perna direita está cruzada, e descansando sobre o joelho esquerdo. Concentra a attenção no bandolim que vae tanger. Veste o gibão de mangas recamadas, e o calção de malha modelando a perna. Traz na cabeça o gorro de veludo com a pluma recurvada, colar d'hombros, punhal e bolsa á cinta, o classico trajar do pagem-menestrel medieval. N'uns livros que se arrimam ao tamborete lê-se o verso conhecido indicando quem seja o trovador.

*Na villa que chamam Torrão
Foi este pastor nascido.*

Se o *Genio da Independencia* é uma obra primorosa, *Bernardim*, ainda que d'outro modo, é tambem d'alto valor. Quem conhecer os trabalhos do mestre pode descobrir n'elle uma expressão de saudade melancolica, que já viu no olhar do *Filho Prodigio*, e no sentimental *D. Pedro V*.

A obra do mestre tem cunho proprio, reconhece-se n'ella a garra do artista.

O rei D. Carlos foi ao atelier de Nunes admirar a estatua. Elogiou-a como quem tambem era artista sabedor. Pasmava a visinhança de ver o rei visitar um homem tão humilde, pois não conhecia ser um esculptor illustre. Era um pobre



MOCIDADE — ESCULTURA DE ALBERTO NUNES



D. JOSEPHINA ADELAIDE NUNES

operario que para ali lidava de sol a sol, um misantropo que para ali vivia.

Muito custa a ser conhecido n'esta terra ante a intoleravel indiferença nacional.

Contente com a estatua que comprara, e porque tinha dinheiro e alma para o gastar, Barahona encommendou a Alberto Nunes uma serie de bustos dos homens illustres portuguezes contemporaneos, creio que para ornamentação da sua bibliotheca.

São os bustos de pedra branca, bastante numerosos, estudados com esmero, e parecidos, o que é muitas vezes raro em obras semelhantes, a que falta o feitiço especial do retratado. Garrett, Alexandre Herculano, João de Deus, Manuel Bento de Sousa, Eça de Queiroz, e outros de quem me não lembro agora, formavam aquelle esquadrao sagrado.

Eça quando pousou disse ao mestre: que nem a mais leve ruga do rosto lhe perdoava.

O italiano Alexandre Figari, operario de talento, foi um dedicado executor das obras do artista talhando-as no marmore com todos os preceitos da mais rigorosa geometria. Era o seu golpe certo, artistico, leve e gracioso, não faltando

o mestre a retocar, contribuindo sempre, e poderosamente, para o seu completo acabamento.

É no *Bernardim Ribeiro*, que mais se accentua este carinho especial.

Por esta epoca Alberto Nunes sentiu agravar-se-lhe a doença. Parecia ser d'uma robustez athletica mas soffria. A vida sedentaria, o isolamento em que vivia talvez contribuissessem para o mal. Era o trabalho remunerador mas sentia-se envelhecer.

Faltava-lhe ainda coroar a sua obra, e temia não poder realisar o seu intento perpetuando o nome, não por vaidade, que a não tinha, mas pelo amor á Arte, que era muito.

Os bustos davam trabalho e dinheiro, mas não eram o ideal a que aspirava.

A amizade de Barahona adivinhando o sentir do esculptor, novo Mecenas, permittio-lhe realisar o seu intento. Um dia encommendou-lhe um grupo para os seus salões dando-lhe plena liberdade para realisar o que entendesse ser apropriado ao seu desejo. Pela primeira vez Alberto Nunes pediu aos amigos, não louvores para a sua obra, mas para o benemerito que tinha alma para comprehender um coração d'artista, e incondicionalmente pôr ao seu dispor a bolsa e valimento. Leu, pensou, estudou, fez varios ensaios de figuras e na sua simplicidade classica deu vulto a Daphnis e Chlôe, sympathicos protagonistas do



BERNARDIM RIBEIRO — ESCULTURA DE ALBERTO NUNES

poema grego, primoroso modelo das bucólicas. Dois adolescentes, um zagal e uma pastora correm abraçados campo fóra, sem lhes dar cuidado os seus rebanhos. E' o amor quem os leva n'aquelle engano d'alma ledo e cego, e no gesto e no riso dos noivos persente-se a canção da mocidade.

Daphnis e Chlôé lembrando o poeta hellenico, poderia suppor-se um desejo d'imitar o antigo, e affirmando opiniões o desejo de rivalisar com elle. Longe estava o escultor de tal confronto. Era a recordação d'um idyllio. O grupo de *Daphnis e Chlôé* passou a denominar-se *Mocidade* (1).

Em 1898 photographiei o gesso, e nunca em minha vida fiz chapa mais perfeita. Arnaldo foi quem tirou os positivos. O grupo em fino marmore de Carrara foi exposto ao publico, e vigorosamente discutido. Tal foi a ultima obra do mestre, o fecho glorioso d'uma vida de trabalho honesto, d'uma dedicação digna d'applauso.

Ahi por 1905 Alberto Nunes estava doente, faltava-lhe a vista, entristecera, e resolveu fechar o *atelier*, e deixar a aula que regia. Debalde os amigos lhe combatiam o proposito. Firme na sua

opinião o mestre não cedia. Já raro se occupava d'esculptura. Estava velho e cansado, e em seu entender era virtude retirar a tempo. A doença tornava-o mais taciturno do que fóra, parecendo rude no trato a quem não conhecia de perto a sua honradez immaculada, e o seu coração bom e sensível. Um dia a officina fechou, isolou-se em sua casa. Agravára-se o mal, soffria immenso, e só achava lenitivo na vida de familia. Uma irmã dedicadíssima tributava lhe consideração, carinho e amizade como se fóra a um Pae estremo.

Alberto Nunes raro trabalhou para o commercio lucrativo. Sei que no Brazil ha uma estatua da *Fé* n'um monumento funebre, e a da *Instrucção* n'uma escola elementar. Sei que concorreu aos concursos para os monumentos do *Duque da Terceira*, e *Afonso d'Albuquerque*.

A pedido do conselheiro José Silvestre Ribeiro fez para o seu jazigo nos Prazeres umas urnas funerarias, e que as modelára por favor.

Lentamente a doença o foi vencendo. Sentado ao fogão, que só em pleno estio abandonava, foi perdendo as forças conservando a lucidez d'espírito até que descançou na morte no dia em que fez 74 annos.

Morreu na Rua da Era, n.º 3, 2.º Jaz em Lisboa no cemiterio dos Prazeres, no tumulo 2608, ao lado da mãe que muito amou.

Tal é em resumo a obra do escultor Alberto Nunes, vasta, por vezes inspirada, porém pouco conhecida.

Como homenagem á sua memoria, modestamente a deixo mencionada para que não esqueça o seu nome.

Lidei com Alberto Nunes mais de trinta annos, e fui sinceramente seu amigo. Conheço varias anedotas da sua vida particular e artistica, que não vem appelo mencionar. Luctou com difficuldades mas venceu-as. Era ás vezes aspero no trato, não transigindo com as evoluções da Arte nova, e dizendo verdades duras, pelo que não foi popular entre os artistas.

Carlos Reis e Ernesto Condeixa, dois pintores, dois mestres, foram seus discipulos em desenho, e seus amigos dedicados. A' força de persistencia e economia ganhou parca quantia de que vivia modestamente, conservando a simplicidade do operario nacional antigo.

Era homem de bom coração, honrado, sabendo do seu officio, exemplar filho e irmão, amigo certo, e pondonoroso no trato social.

(1) Por decreto de 14 de julho de 1898 foi nomeado official da ordem de S. Thiego do merito scientifico, litterario e artistico.

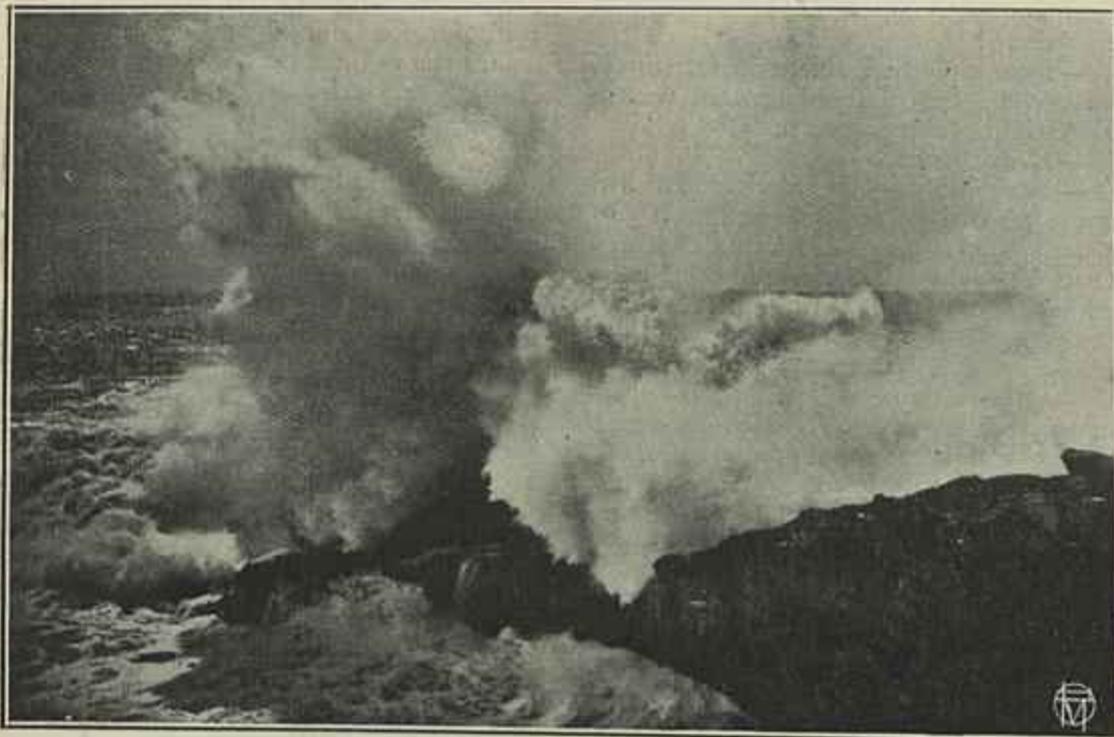
Foi democrata sem exageros, espirito livre de preconceitos, resentindo-se da influencia da officina e do atelier de França. Era um bom, um triste, que deixou de si honrada fama.

Mais um da velha guarda, que foi descansar na morte.

A sr.^a D. Josephina Adelaide Nunes, irmã amantissima do nosso biographado, dirigiu ao director da Escola de Bellas Artes de Lisboa o officio seguinte: «Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Director da Escola de Bellas Artes de Lisboa. Josephina Adelaide Nunes, desejando, ainda que modestamente, perpetuar a memoria de seu irmão Antonio Alberto Nunes, que foi esculptor conceituado honrando a Arte portugueza, e reconhecendo o seu acrisolado interesse pelo progresso da arte nacional, principalmente pela esculptura a que dedicou a sua intelligencia e estudo durante grande parte da sua vida, produzindo obras de valor, e algumas d'especial merecimento.

Considerando, que premiando os que trabalham assim se cria estimulo para o progresso das Bellas Artes em Portugal.

Honrando a memoria de seu irmão, que foi academico de merito, e professor da Escola de Bellas Artes de Lisboa, cumpridas as formalidades do estylo, entrega á Escola de Bellas Artes de Lisboa as inscrições devidamente averbadas



estimulo pôde concorrer para vencer difficuldades, que estorvam uma vocação artistica, o proceder da sr.^a D. Josephina Nunes deve merecer a gratidão de todos que se interessam pelas Artes. Dos seus limitados recursos pecuniarios generosamente destinou uma parte aos estudantes.

Honra e agradecimento ao louvavel proceder da benemerita senhora.

A irmã do esculptor comprehendeu o bondoso coração d'Alberto Nunes.

Lisboa — Novembro de 1913.

J. B. D'OLIVEIRA.



QUADRAS

Diz o seu rosto innocencia;
Dizem seus olhos bondade;
Tem o sorriso nos labios;
Dentro d'alma a castidade.

Faz bem á minha tristeza
A sua ingenua alegria;
Por isso, quando ella passa,
Das outras em companhia.

RAMOS COELHO.

de 500\$000 réis nominaes cada uma, dos numeros 14683, 16763, 17485 e 17955, para que o seu juro annual constitua um premio denominado *Alberto Nunes*, que será entregue ao alumno d'esculptura, que tenha obtido melhor classificação no referido curso, premio que será entregue annualmente, por uma só vez, ao alumno que estiver nas condições d'esta doação. Se acontecer não haver alumno d'esculptura em algum anno, os juros acumulados juntar-se-hão ao premio, que pertencerá ao alumno d'esculptura que a seguir primeiro se habilitar na Escola de Bellas Artes de Lisboa, nas referidas condições.

A doadora agradece a V. Ex.^a o zelo e interesse, bem como ao Conselho, no acceitar e administrar este offerecimento do premio de esculptura, e mais agradecida fica pela contribuição moral de V. Ex.^{as}, para que se conserve com levantado conceito a memoria e o bom nome do esculptor portuguez Alberto Nunes.

Rogava a V. Ex.^a a fineza de me mandar passar recibo legal das inscrições que entrego para se constituir o premio *Alberto Nunes*, para que eu possa provar em publico, quando e se me fór preciso, de que eu fui, e por minha especial iniciativa, a unica doadora e instituidora de tal premio.

Saude e Fraternidade. Lisboa, 1 de Novembro de 1913. — (a) *Josephina Adelaide Nunes.*



OS ULTIMOS TEMPORAES — ASPETOS DA BÔCA DO INFERNO EM CASCAES DURANTE O TEMPORAL
(Clichés de A. Lima — Vidè chronica occidental)

Testemunho d'amor fraternal, e d'uma alma sensível que comprehende quanto um modesto

ROMANCE

Victor Debay

Amiga Suprema

(Versão livre auctorisada pelo auctor,
por Alfredo Pinto (Sacavem))

Primeira parte

VI

FELICIDADE BRETAN

Como no fim de jantar fosse ainda dia, sahiram outra vez. A tia Luiza muito altiva, apoiando-se no braço de Anna, atravessou a Avenida Verde, recebendo os cumprimentos de todos com agradável sorriso. Seguiram a margem do Leguer que corre entre colinas, defrutando-se lindos horisontes. As quintas estavam coalhadas de flôres e um ceu alaranjado cobria toda a região que jazia tranquilla e perfumada. Anna os conduziu pelas estradas mais bonitas, onde aqui e allí modestas aldeias formavam o fundo do quadro tão bello. Proximo um moinho d'agua refrescava o recinto, e um renque de lavadeiras batiam roupa, ao passo que diversos garotos, pernas nuas, brincavam dentro d'agua.

D'ahi a pouco tempo chegaram a Brelevenez e à sua igreja. Consultaram a tia Luiza se tinha forças para subir a escadaria.

— Mas, minha filha, se pensarmos no que temos que subir por estes sitios não sahiremos de casa.

A natureza por allí é cheia de flôres, todas as casas têm trepadeiras, até as crianças brincam com flôres!

Chagaram ao cemiterio. A tia Luiza quiz levantar o ferro da porta do santuario, mas estava fechado.

— Que pena, gosto tanto d'esta igreja isolada. Recordas-te dos passeios que faziamos aqui, e das contas do rosario que passavamos entre os dedos? Estes senhores devem ver o Christo da crypta.

Entre as flôres e os tumulos deram a volta á igreja.

— Como esta atmospheria é dôce! disse Fombreuse. Objectos e pessôas se harmonisam na luz terna da tarde. Andase de bom grado silencioso em companhia do nosso pensamento.

— Pais sinto frio, disse Lescourias, e sinto a lingua gelada.

Pararam um pouco para contemplar o quadro da villa sob a luz dourada do horisonte em fogo.

Passaram depois por uma modesta casa com jardim á frente, era a habitação do Presidente do Tribunal.

Um homem muito correcto e agradável levantou-se d'um banco no jardim e foi ter á porta de grades para cumprimentar as senhoras Cozan.

— Entrem um pouco para descansar da fadiga de terem ido a Brelevenez.

— Mas, sr. Presidente, disse a tia, não estamos sós.

Ella então mostrou Fombreuse e Lescourias.

— Estou certo que esses senhores aceitarão o meu offerecimento.

Poucas palavras, como as de um homem bem educado. Fombreuse e Lescourias entraram tambem. A sr.^a Keradeve esperava-os na pequena sala de entrada. Foram introduzidos no salão que tinha

um aspecto frio. Um piano ao canto, sofá e cadeiras em genero antigo. Pela forma como a tia Luiza se collocou na cadeira e arranhou as pregas da saia, notou-se logo que tinha uma grande honra de ser recebida em casa do sr. Presidente.

O sr. Keradeve era uma d'essas raras figuras de magistrado, de uma rara rectidão. Toda a sua familia seguia a carreira da magistratura e quiz que os seus dois filhos fossem advogados, mas os ares de Paris mudaram as ideias dos rapazes, um foi medico, outro pintor.

Homem muito instruido, em toda aquella região tinha um prestigio raro, e todos lhe prestavam as maiores honras. Era um homem de crenças, e muito dado, fallando com todos com a maxima amabilidade. Sentia-se ligado ao seu tribunal como um padre á sua igreja. O vestido negro da sr.^a Keradeve, dava-lhe um aspecto de quadro antigo e ambos se davam admiravelmente.

— Então, deixa-nos breve?! Assim me disse sua tia.

— Esperam-me para os ensaios em Feunteungoat, tambem lá apparece, não é verdade?

— Para o Orfeo? Certamente, se não for em dia de tribunal, em todo o caso o meu filho lá apparecerá.

— O doutor?

— Não, o outro. Foi convidado. Ah! quem tal diria quando via ambas a passeiar nas Avenidas Verdes, que a senhora e Yvon abandonariam a velha casa pela grande cidade! Emfim!... Estes senhores são compositores?

— Sim, sr. Presidente, ambos musicos.

— Olha, Anna, disse a tia Luiza aproveitando um pouco de silencio, poderias cantar qualquer coisa aqui ao piano.

— Oh! tia Luiza!

— Estou certa que darias grande prazer ao sr. Presidente que não te ouve senão na igreja.

— Devo insistir?

— Que poderei cantar?

— Algumas obras d'estes senhores.

— Isso mesmo, disse Lescourias.

A sr.^a Keradeve foi abrir o piano, tirou duas jarras que estavam em cima, e passou o lenço pelas teclas disfarçadamente.

— *Atravez do Oceano*, do sr. Fombreuse, disse Anna com voz clara.

Lescourias preludiou os primeiros compassos, mas o instrumento é que não respondia muito bem. Lescourias sorriu-se com malicia.

— Não é novo, disse o sr. Keradeve. Minha mãe só se acompanhava em arias de Monpon e de Soïsa Pufet. Mas como está ainda se pôde tocar uma sonata de Mozart ou de Beethoven. Gosto mais d'elle que d'esses grandes armarios modernos com ruidos de trovão.

— Guerra aos Erard, disse Lescourias e Anna, apenas murmurando.

Ella cantou: *A Tranquilidade e a Espera da donzella na praia*.

— O sr. Fombreuse é bretão? perguntou o sr. Keradeve.

— Não, sr. Presidente, sou do Norte.

— Mas conhece bem esta região...

— Visito-a agora pela primeira vez.

— Sou então um mau critico musical, que pessima opinião que formei da sua obra, encontrei n'ella a nossa alma celta.

— Isso é uma verdade! disse Anna.

— Sim, vejo em certos motivos a verdade e a melancholia das nossas canções. Abençoado seja o momento que trouxe V. Ex.^o aqui a esta sua casa. Ah! a nossa Bretanha, como o senhor a deverá comprehender e cantar! Muitos artistas têm querido pintar pelas suas esta provincia, mas nunca encontrei nenhum que tivesse absorvido a sua poesia. O que me consola, é que o meu filho venha a reproduzir nas tellas todos estes sitios. O amor da patria e do seu passado é a grande virtude da raça. A cruz foi esculpida em todos os cantos, as virgens continuam as fadas, os genios são nomes de santos. O Bretão crê no Deus novo, mas sem se esquecer do antigo. A sua arte é sempre a dos antepassados. Estas canções que ouvimos por estas estradas, os srs. musicos deveriam ouvi-las com attenção; têm chegado até nós atravez dos seculos, o amor sentimental e a fidelidade eis o que ellas significam. Estou certo que a nossa illustre artista, ao cantar, dever-se-ha lembrar d'algun, d'um unico amor que seja como uma reliquia santa.

Fombreuse notou em Anna quanto ficou incommodada com as palavras que acabava de ouvir.

Pelas janellas entrava uma claridade crepuscular e Fombreuse viu passar, como em uma forma subtil, a figura elegante de Serafina Carbranches. O artista sentiu-se transportada junto da mulher que amava e minutos se passaram em que o compositor se esqueceu por completo onde estava.

VII

UMA CONVERSÃO

S. João-Doigt, na margem d'um pequeno regato, conservava ha muito uma rara rusticidade breton. A cinco ou seis horas de carruagem, este logar era visitado por um numero limitado de forasteiros.

(Continúa.)

Furto galante

— Bebeste, então, a gôtta do meu vinho, que no fundo do calice deixei, quando o bufete ha pouco abandonei, ficando ali, como ladrão, sosinho?!

— Mais um requinte louco de carinho na chimera gentil que idealisei, e, agora, doce bem, experimentei, bebendo aquella lagrima de vinho!...

— Quizeste o meu segredo percrutar, julgando ter ficado ali delido ou condensado p'ra depois voar?!

— Quiz acalmar apenas os desejos, na sezão d'este amor, bem convencido que essa gotinha saberia a beijos!...

(Do livro a sahir, Tudo.)

JULIO RIBEIRO.

Na luta pela vida não se deve hesitar de recorrer aos extremos se os meios não surtirem efeito. E' a legitima defesa.

Em nenhuma circumstancia nos devemos desviar da linha que a consciencia nos traça.

BRUNSWICK.

Infante D. Henrique

Afirma-se desalentadamente, com justificados motivos, que Portugal, nos ultimos tempos, se embala, demasiado, á falta de melhor berço, no enlevo das glórias passadas. A' força de olhar o Preterito que é gloriosissimo, deixou de fitar cuidadosamente o Presente que humilha e envergonha.

Lusiadas alucinados na demanda da Terra-Prometida — encontram-se dolorosissimamente a braços com a sua propria terra — Terra de Perdição.

Entanto, se vemos o nosso triste paiz, pequenino e vilipendiado, é compensadoramente consolador, para nós, abrir bem os olhos, e erguê-los, em extase para a grandêsa homérica do Passado. Cumpre-nos, pois, velar com solicitude, pela conservação dos monumentos que atestam vestígios de glórias que jámais — nunca mais — resuscitarão — cinzas perdidas que ninguém — ninguém mais — amassará em argila vivente.

Infante D. Henrique — que de sonhos maravilhosos não alevanta em a nossa alma dolorida a evocação simplice desta figura altissima, estatua-simbolo, que iguala, pela energia, heroes de epopeia, e, pela firmeza diamantina de caracter, iguala santos de legenda!...

Ora, na Rua Velha da Alfandega, do Porto,



CASA DO INFANTE D. HENRIQUE

encontra-se em ameaças de ruina irremediavel, ao abandono, a casa onde se supõe que nasceu o Infante D. Henrique e onde foi colocada uma lapide comemorativa do seu centenario, pelos idos de março de 1894.

A repartição do ensino artistico, do ministerio da instrução já telegrafou ao presidente do conselho de arte e arqueologia da terceira circunscrição, para se entender com o governadôr civil e com o presidente da comissão municipal do Porto, afim de resolverem o que melhor se lhes afigurar, em harmonia com a segurança publica e arqueologia nacional.

Salve-se quem puder — mas antes de tudo e sobretudo vele se religiosamente por esse vestigio remotissimo e gloriosissimo do Passado...

Se é nossa obrigação moral promover cuidadosamente e carinhosamente a marcha desafoçada e progressiva da nossa querida nacionalidade, — que essa marcha não derrua, em atropello os monumentos, mais significativos e mais gloriosos da sua tradição.

Creemos que, tanto archeologos e artistas devotados, com a autoridade governamental competente, hão de resolver como melhor convem á archeologia e arte nacionaes.

MINIATURAS

Dia de Finados

Ha uma semana que os Campos-santos, onde o eterno silencio dos sepulchros é apenas violado, de quando em quando, pelas ultimas preces em lembrança dos que vão morrendo, fôram semeados de rosas e de saudades, de lagrimas e de crysanthemos...

Dia de Finados...

Nessas campas negrejantes, cobertas de lousas e de cruces, dormem o somno da Morte aquelles a quem votamos neste mundo a mais sagrada e a mais perduravel afeição. Nossos Paes abençoados, um Irmão estremecido, uma avósinha santa e veneravel, todas essas almas dilectas e amigas, por quem a nossa 'inda hoje sangra, piedosa e commoivamente...

Ha uma semana que os Cemiterios se abriram para a Romagem da Saudade. Os vivos commemoraram os defunctos. Arrancaram-se aservas sacrilegas e atapetaram-se as valas de flôres, orvalhadas pelo rócio da madrugada. Os anjinhos tiveram os seus berços de terra enfeitados de cravos brancos e de rosas brancas.

E' a côr symbolica das pequeninas almas puras, e a cor da melancholia.

Os crysanthemos e as lagrimas alternando com as luzes foram reservados para a ornamentação dos túmulos grandes.

Aqui, heras e trepadeiras ficaram a baloiçar-se dependuradas nas cruces. Além, corriôlas transplantadas carinhosamente, hão-de abrir ao rigor do inverno, fustigadas pelos vendavais, as bellas e assetinadas campânulas do mais puro azul-violête.

As necrópoles remoçaram. Se não fosse a paz da eternidade, as cruces e as lousas negras, os cypresses meditabundos, a imprimir a esses logares de tristêsa uma nota grave e inconfundivel, quem quer os julgaria uma alamêda florida, uma mansão de praser.

Ha uma semana que os Cemiterios se abriram para a Romagem da Saudade.

As flores cheias de viço vão murchando e estiolando. Voltam a crescer as relvas e não tardarão a rebentar os silvêdos.

Tambem a lembrança dos nossos mortos, avivada num ephemero dia de outomno, se vae apagando e esfumando lentamente, lentamente...

MANUEL DA GRANJA.

Impossivel!

por

Laurentina de Jesus

Ha dias caíu, sob o nossos olhar surpreso, um novo livro — romance — firmado por nome de senhora, absolutamente desconhecido nos arraiaes da literatura patria.



D. LAURENTINA DE JESUS

Nestes casos, a surpresa é sempre agradabilissima. Entre nós, não é excessivo o numero de dônas assinaladas notavelmente nas lides literarias. Por vezes, é certo, compensa-nos consoladoramente a consideração de que não será para o cultivo perigoso da literatura — jardim de flôres exóticas cujo perfume, bem absorvido, é sempre veneno intensissimo — que a atenção das senhoras deriva perdidamente, em prejuizo do amor consagrado ao lar e á familia.

Entanto, exclamamos nós, que tesoiros encantados e opulentos de sensibilidade, elas não saberiam descobrir-nos, se a elas fosse dado formular os sonhos de maravilha que sonharam e as realidades frias e consistentes que, mais e mais, as ferem, dia a dia!...

Lemos, com simpatia, o livro de D. Laurentina de Jesus. Urdido por uma imaginação de fogo, o romance tem episodios que conseguiram comover-nos, por ingenua sinceridade — a nós, que tão endurecidos somos já na sintomatologia de casos literarios. Ao lê-lo, sentimos bem — e é isto que mais nos emociona e nos encanta mais — que a sua autôra pôs nêle todo o seu carinho e ternura sentida de mulher.

De resto, não hesitamos em dizê-lo, este genero de romance vae muito distante das nossas predilecções literarias; não ha, porém, razão, para bordar, em volta dele, considerações tendenciosas. Talvez, agora, se propiciasse ocasião de esvurmar bilis, a literato desiludido e fallado em crítico. Talvez...

Todavía, D. Laurentina de Jesus revela, na sua estreia, preciosas qualidades de escritôra, e, sobretudo, preciosissimas qualidades de romancista que, bem provei-



MOSTEIRO DE ALCOBAÇA — CLAUSTRO DE D. DINIZ

tadas, cremos, hão de distingui-la notavelmente no meio pequenino e pobre da literatura patria actual.

Por ultimo, só temos a agradecer á novel autôra as distraidas horas de alegria espiritual que nos proporcionou este lindo romance.



Monumentos de Portugal

Mosteiro de Alcobaça

A fachada geral do edificio, mosteiro e igreja, tem 221 metros de comprimento. A praça para onde deita esta fachada é guarnecida de casas da povoação, compostas de lojas e primeiro andar, em perfeito alinhamento.

Outra frente do mosteiro cae sobre a estrada real, que conduz ao Porto, passando pela Batalha, Leiria, Pombal, Coimbra, e mais terras da Beira. Esta frente é muito mais alta que a principal em consequencia do declive de terreno. E' muito extensa, porém não sei a medida do seu comprimento.

Os dois corpos do mosteiro que flanqueiam a igreja, são eguaes em architectura, porém como a praça também tem declive, e que se estende para o lado do oeste, e forma o angulo para a referida estrada real, é mais elevado que o outro, correndo-lhe perto do envasamento um passeio de lagado com o seu muro, outr'ora todo guarnecido de grades de ferro, que pela maior parte teem desaparecido, ficando os plintos de pedra, que a espaços as separavam.

E' neste corpo que se acha a *portaria*, ou entrada principal do mosteiro, a qual se abre debaixo duma arcada de cinco arcos, correspondente a outra arcada egual, em que termina o corpo da frontaria do mosteiro do lado de léste. Tem cada um dos dois corpos no andar nobre 17 janelas de sacada.

As duas fachadas foram reedificadas nos seculos XVII e XVIII.

Compõe-se o mosteiro de sete dormitórios, do edificio das hospedarias, do noviciado, de cinco claustros, sete capelas, casas do capitulo, casa da livraria, e muitas outras oficinas.

Os dormitórios foram construidos, um por el-rei D. Afonso Henriques, o qual tem tido diversas reedificações; outro pelo cardeal D. Henrique; outro por el-rei D. Afonso VI; o das enfermarias, obra do mesmo soberano; e os tres restantes á custa da ordem.

As hospedarias foram edificadas e reconstruidas em diferentes épocas, ora por impulso real, ora por iniciativa dos abades. E' um edificio de 52 metros de comprimento, bem construido, e contendo uma capela, muitas salas e quartos, outr'ora adornados com magnificencia relativamente aos tempos, sobretudo a *sala dos reis*, que é toda de marmore, e ornamentada com os retratos de todos os nossos monarchas até á rainha D. Maria I. Era neste paço das hospedarias que se aposentavam os soberanos, príncipes e pessoas notaveis, que visitaram o mosteiro em tempo dos frades. A rainha D. Maria Sofia de Neubourg, 2.^a mulher de el-rei D. Pedro II, e a rainha de Inglaterra, D. Catharina, então viuva do rei Carlos II, gostavam tanto destes paços, que, residindo neles, diziam muitas vezes não terem saudades do palacio da Côrte Real.

O noviciado era de per si um convento, pois tinha dois grandes dormitórios, excelente capela e todas as mais oficinas necessarias, construidas com bastante largueza e solidez.

Apresentam os claustros cinco typos diferentes de architectura, desde o seculo XIII até ao seculo XVII.

Entre estes diversos specimens ha um, principalmente, muito interessante para o estudo da historia da arte, não só porque se ostenta em uma fabrica no seu estado completo e primitivo, mas também porque diz respeito a uma época importante para as artes neste paiz, e porque infelizmente, poucos monumentos nos restam dela, e desses poucos com raros os que não estão desfigurados pelos cataclysmos da natureza, ou pela incuria ou barbaridade dos homens. Refiro-me ao claustro chamado *do Silencio*, construção ordenada por el-rei D. Diniz, no seculo XIII.

E' uma obra magnifica, e que atesta, compa-

rada com outras do mesmo genero de épocas anteriores, os progressos que fez entre nós a architectura durante o reinado do rei *lavrador*. Não se atavia com essa profusão de ornatos, com que já nessa era se iam enfeitando os edificios gothicos, que se levantavam de novo nos outros paizes da Europa. A simplicidade do nosso viver, e a escassez de meios pecuniarios ainda nos não permitia taes manifestações de luxo: Começava então em Portugal o estilo gothico a libertar-se das ligações que o prendiam, desde a sua introdução no paiz, ao velho estilo romano-byzantino. Caminhava por conseguinte, com passos já bem definidos, para a sua pureza e perfeição.

E em taes circumstancias a singeleza e severidade deviam ser forçosamente as suas feições caracteristicas.

O architecto comprehendeu, e desempenhou cabalmente a missão, que lhe era imposta pelo progresso regular da arte. Ao mesmo tempo, que atendia, nas formas externas do monumento, ás prescrições da nova fase da architectura, executava as regras geraes e fundamentaes da arte de construir, quaesquer que sejam as éras, os paizes e os estilos, dando ao edificio tal solidez, que, não obstante estarem pesando sobre as suas abóbas mais de cinco seculos e meio, e terem-lhe abalado os fundamentos numerosas convulsões do solo, ainda hoje nos está testemunhando a sua excelente construção.

O architecto que a delineou e dirigiu, e que tanto honra os artistas nacionaes, chamava-se Domingos Domingues.

Para se poder ajuizar devidamente do seu talento não basta o conhecimento e apreciação do monumento que concebeu e executou; é preciso também conhecer e comparar com aquele as obras do mesmo genero e estilo architectonico, construidas em o nosso paiz anteriormente á fundação do referido claustro. Distinguem-se facilmente as construções a que alludo pelas columnas, pequenas e duplicadas, que sustentam cada arco.

Esta feição, bem como o feito e lavôres dos capiteis das mesmas columna, é que revelam o periodo da arte em que taes claustros foram edificados.

Phenicia e Iberia

«... et l'on voyoit s'échanger la pourpre de Tyr pour le fil précieux de la Serique: ...»

Les Ruines, ou Méditations sur les Révolutions des Empires, par M. Volney.

José d'Arriaga, o erudito outor da obra de escrupulosissima critica filosofica *As Civilizações do Oriente e do Occidente*, ao encerrar o formoso capitulo em que estuda a civilização caldeo-assiria, exclama, interrogativamente:

«É em que ponto pôde servir de exemplo a monarchia assyria, verdadeira deshonra da humanidade? Prestou serviços á civilização, levando a morte e o extermínio ao egypto, á Chaldea, á Syria, á Phenicia, á Palestina e a tantos outros povos?»

Eternizou-se na celebridade legitima e autentica essa tira entre o Libanio e o Mediterraneo, denominada Phenicia.

Sem embargo de minuscua, ousou deter os passos vitoriosos de Nabonasar, de Nabucodonosor e d'Alexandre!

Quanto a Nabonasar, «apoderou-se dos portos da Phenicia, com excção de Tiro, apesar de um sitio de cinco anos e do auxilio maritimo que lhe prestaram as cidades de Sidon, Acé e Tsor.» (*Œuvres Complètes* de Fréret.)

Um primoroso escritôr, em livro magistral (*L'Art et l'Archéologie* par Ernest Vernet) traçou este retrato, da singular Phenicia:

«Que paiz, efetivamente, aquele que, na aurora da civilização, abriu as avenidas da industria e do commercio! Quanto é superior o seu papel na historia do mundo ao do impregressivo e pesado Egipto, visto que, n'uma época em que apenas predominava a força bruta ele soube imperar pelas artes da paz! Tiro e Sidon, contemporaneas do rei David, correspondem a Londres, Veneza ou Florença, a Florença da idade media; o que significa, em outros termos: eram alguma coisa de semelhante á Holanda ou Paizes-Baixos, no tempo em que o velho Homero cantava colera d'Aquiles. Quantas idéas, d'estas que facultam azas ao progresso, surgiram e tornaram-se praticas n'esse paiz que mal excedia cincoenta leguas de comprimento!»

Sidon, Tiro, Gebel, Berito, Arad fóram algumas das suas cidades, excedidas todas pelas duas primeiras, que venceram em reputação de fama gloriosa e de rasto genuinamente secular.

«Os Phenicios, ensina G. Maspero, (*Histoire Ancienne des Peuples de l'Orient*) negociavam com o mundo exterior, por terra e mar, mediante caravanas e navios.»

Percorreram todo o Mediterraneo, estiveram em contacto com os egipcios e os gregos, transpuzeram as chamadas Colunas de Hercules (actual estreito de Gibraltar), avançaram a Inglaterra, que os serviu de estanho e talvez visitaram as Canarias Cabo Verde!

D'essa longa e larga digressão, em conjuntura de disenções politicas internas,

promanou a fundação de Cartago, rival de Roma, que Anibal faria tremer!

Com o andar dos tempos, entretanto, a Phenicia declinou e, de senhor em senhor, chegou ao dominio dos turcos em que hoje param as suas tristes ruinas.

Ao presente as suas duas grandes metropoles, quasi aldeias simples, fazem parte de insignificantes divisorias administrativas do imperio otomano.

SAIDA é o nome actual da antiga Sidon e SOUR o de Tiro. (Vide *Histoire de l'Empire Ottoman* par le V.^o A. de La Jonquière.)

«O que resta agora de Tiro e de Sidon? pergunta Louis Leroy (*Philosophie Catholique de l'Histoire*). Os palacios deram o logar a algumas cabanas mesquinhas; o pobre pescador habita os depositos abobadados em que outrora se amontoavam os tesouros do mundo. Miseraveis aldeias, sem movimento e sem vida, substituem as rainhas dos mares, os focos centraes de uma activa e ininterrupta civilização.»

«Temos escassas noticias das populações que ocuparam a Palestina antes das tribus semitas que vieram do Oriente, talvez do sueste, que a si proprias se denominaram cananeas. Estas, entre as quaes cumpre incluir as Phenicias, deveram ceder terreno diante da horda Beni-Israel que, sob o mando de Josué, cêrca de 1300 anos antes da nossa era, invadiu a maior parte da Palestina. (*La Linguistique* par Abel Hovelacque.)»

L. F. Alfred Maury (*La Terre et l'Homme*) sustenta que «o phenicio, por exemplo, deriva, conforme a genealogia biblica, de Cam...»

V. Duruy (*Histoire Grecque*) a proposito dos tempos primitivos da famosa terra que embalou Socrates, Platão e Aristoteles, usa d'este assêrto: «verificou-se que a fórma das mais antigas letras alfabeticas da Grecia reproduz a dos caractéres phenicios e, outro sim, que o sistema metrico dos Gregos em pouco divergia do dos Phenicias e Babilonios.»

(Continúa.)

D. FRANCISCO DE NORONHA.



NECROLOGIA

Visconde de Monte-São

Figueira da Foz, 27. — Falleceu o sr. Visconde de Monte-São, general reformado. Assim lacinamente noticiara um jornal diario a inesperada morte de Cypriano Leite Pereira Jardim, segundo visconde de Monte-São.

Filho do primeiro visconde de Monte São, dr. Manuel dos Santos Pereira Jardim e D. Guilhermina Leite Pereira Jardim, da illustre familia Leite Ribeiro Pereira de Monte-São, nasceu em Coimbra em 1842.

Seguindo as nobres tradições do seu illustre pae que foi, pelo seu saber e pela sua capacidade scientifica, um dos mais notaveis lentes cathedraes da Universidade, Cypriano Leite Pereira Jardim, estudante laureado quer no curso geral d'artilharia, quer na faculdade de mathematica da Universidade

de Coimbra, sentou praça aos 19 annos de idade a 19 de julho de 1861.

Official distincto, a sua grande actividade não se limitou só ás preocupações da vida militar, expandindo em tão diversas manifestações a fecundidade do seu grande talento.

Jornalista, deputado, par do reino, produziu como dramaturgo entre outras peças o drama *Camões* que subiu á scena no theatro de D. Maria II por occasião do tricentenario do grande cantor das glórias patrias.

Mas o seu grande titulo de gloria está justamente nos seus trabalhos scientificos. Cypriano Jardim inventou; isto é um facto indiscutivel para todos os que estão ao par de tudo quanto até hoje se tem feito na sciencia da aerostação. O seu balão dirigivel produziu no campo da sciencia uma grande revelação. Foi na presença do general Vaillant, chefe do estado maior francês, de varios officiaes ajudantes, do coronel chefe da repartição technica da aerostação militar, do capitão Renard, irmão do director da Escola de Aerostação de Mendon, do sr. Trouvé constructeur de machinas electricas, do sr. Lachambre constructor do balão Jardim em que o illustre official portuguez realisou as experiencias com o seu balão.

Cypriano Jardim alcançara um triumpho com o seu invento, num paiz que gastára milhões de francos em estudos e experiencias para conseguir a direcção dos balões sem que ainda tivesse obtido a ultima palavra sobre o assumpto.

Foi no grande amphitheatro de Sorbonne que o notavel portuguez se apresentou expondo os resultados do seu estudo.

Começando na sua exposição, Cypriano Jardim apresenta, primeiro que tudo, os principios da sua these não deixando no animo dos ouvintes a menor duvida sobre o que ia expôr.

Explicando que, no estudo que fizera sobre a aerostação, tivera sempre deante dos olhos tudo o que fizera o major Renard, considerado em França como o que até então dissera a ultima palavra sobre a navegação aerea, Cypriano Jardim declarou que tudo o que fez, tudo o que apresentava era filho da comparação dos seus processos com os processos de Renard.

E, estabelecendo todas as condições necessarias para o movimento de um balão no espaço, o nosso official apresenta cathegoricamente, claramente, as seguintes interrogações:

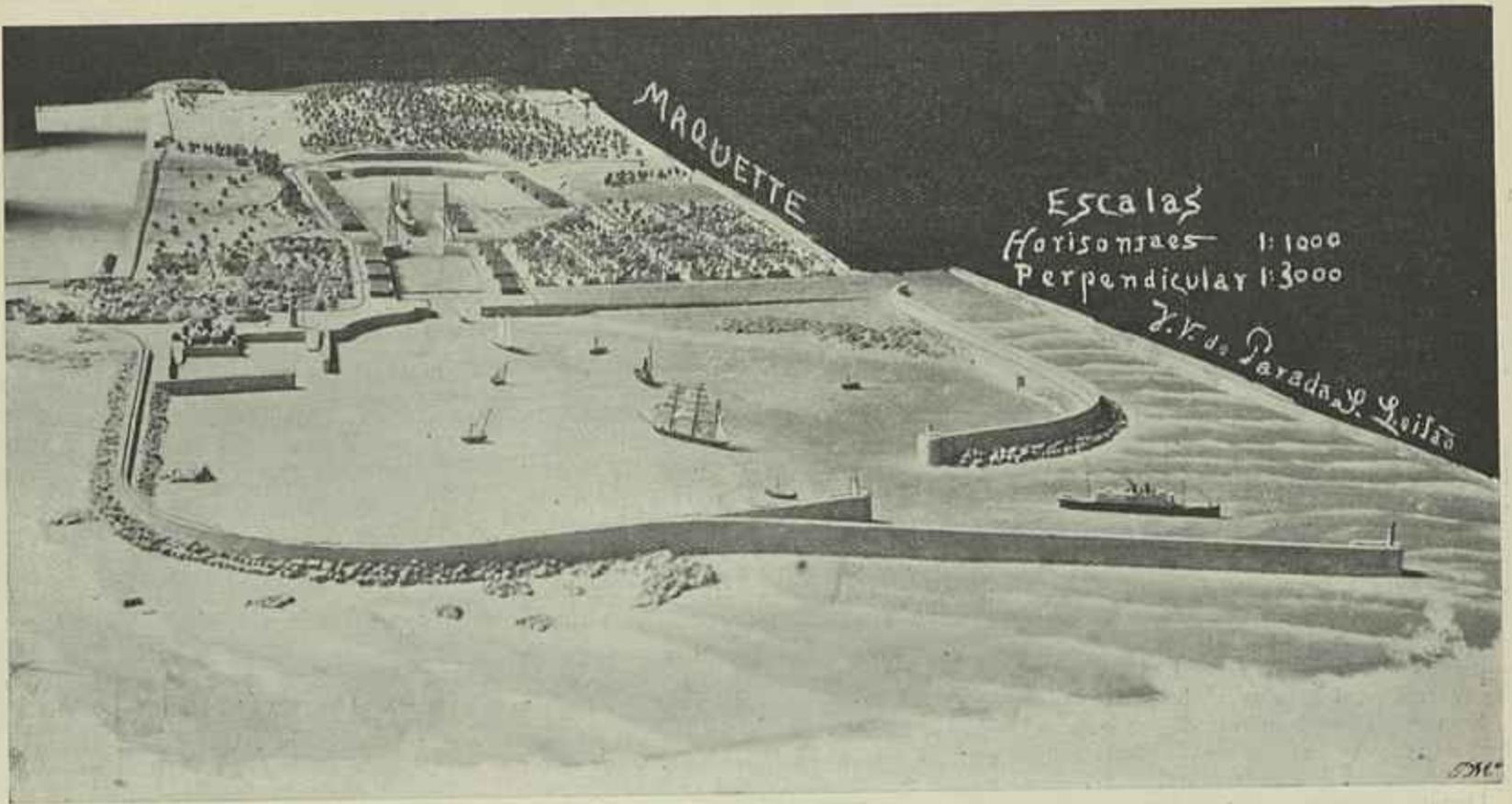
1.^o A fórma do balão Renard, julgada até hoje a verdadeira, é realmente a melhor?

2.^o Haverá machina que para um balão da mesma capacidade seja mais energica do que a machina Renard?

3.^o A fórma do helice Renard copiada de Giffard, de Puy de Lome e de Tissandier, será a melhor fórma a dar a um helice encarregado de fazer avançar um balão no espaço?



CYPRIANO JARDIM — VISCONDE DE MONTE-SÃO



LEIXÕES — MODIFICAÇÃO DO PORTO ARTIFICIAL — PROJETO-MAQUETTE DO SR. PARADA LEITÃO
(Fotografia do sr. Augusto Vieira)

E como conclusão:

Poder-se-ha, alterando todas as partes constitutivas do aerostato Renard, alcançar uma velocidade de translação superior á velocidade de 23 kilometros por hora, alcançada pelo official francez?

Taes são, a titulo de curiosidade, os principios que Cypriano Jardim se propunha tratar.

Mais tarde em Lisboa realiso uma conferencia no theatre no theatre de S. Carlos a 23 de abril de 1888.

O sr. Visconde Monte-São casado com a sr.^a D. Felismina Albertina de Figueiredo Penalva, era irmão do nosso presado e illustre amigo, já falecido, sr. Conde de Valenças, Dr. Luis Leite Pereira Jardim, lente jubilado da Universidade de Coimbra.

Por ultimo só nos resta enviar á desdita familia que teve a desventura de o perder, as nossas mais sentidas condolencias.



Bocage — Fragmento de um estudo auto biographico, por Eloy do Amaral. Imprensa Lusitana — Figueira da Foz, 1913.

Acabamos de lêr, com grande e merecido interesse, este curioso estudo do sr. Eloy do Amaral. Assim, pois, vimos desenrolar, ante os nossos olhos absórtos, a vida turbulenta e gloriosa do maior Poeta do seculo xviii.

Os logares, por onde o Poeta discorreu, impellido, sem repouso, á aventura, pelo seu genio fogosissimo — o autór deste estudo nol-os vae descrevendo, a traços exatos, desde Setúbal, ter-

ra natal de Bocage, «a risonha e pitoresca cidade dos laranjaes, debruçada amorosamente, á beira do Sado», até Góa, patria de Manteigui e de «vis gafanos» — «mercado, onde imperava a chatinagem» e a «senhoria»... Inda bem que a memoria do famoso Elmano vae sendo, assim, restaurada, com verdadeiro brilho e significação, da *patme* que uma tradição desfiguradora e amesquinhante tanto se comprazia em conservar. Porque é necessario que bem alto se afirme e confirme que esse altissimo Poeta, irmão, em desventura e talentos, de Camões, pairou sempre, muito acima dos pequeninos episodios burlescos, em que por condições de vida e época se encontrou envolvido.

Assim no entende o sr. Eloy do Amaral.

Este interessante estudo é uma homenagem de admiração e carinho que o illustre escritór presta a Manuel Maria Barbosa du Bocage.

R. S.

ALMANAQUE ILUSTRADO DO "OCCIDENTE"

Para 1914 — PREÇO 100 RÉIS

A SAIR BREVEMENTE — RECEBEM-SE ENCOMENDAS DESDE JÁ NA EMPRESA DO «OCCIDENTE» — Poço Novo — LISBOA

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

CONTRA
A TOSSE

MARCA PRITORAL
JAMES

Unico especifico contra tosses e bronchites legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Premiado com Medallas d'Ouro em todas as exposições a que tem concorrido. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelo consul do Brazil. A' venda nas pharmacias. Pedro Franco & C., Lisboa.

Farinha Peitoral Ferruginosa

de Pedro Augusto Franco

Producto alimenticio que se applica em caldos peitoraes, com feliz exito. E' de todos os preparados farinaceos o mais efficaaz por conter substancias organicas e inorganicas que são de facil assimillação aos estomagos fracos e ainda os mais debéis. Pedidos á

Pharmacia Franco, Filhos

139, Belem, 149 — LISBOA

Cada pacote de 250 grammas. 200 réis

Cada luta " " " " 240 " "

A' venda em todas as pharmacias

CONTOS E DIGRESSÕES por CAETANO ALBERTO

Um volume illustrado, de 224

paginas com linda cartonagem, completa novidade, 500 réis.

EMPRESA DO OCCIDENTE — LISBOA